

EDITORIAL

O Ceib tem uma boa notícia para os associados, e melhor ainda para os conferencistas e os que apresentaram comunicações no VI Congresso: foi aprovado o projeto para a publicação da revista **Imagem Brasileira**, número 5, pela Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet). A Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) será a provável patrocinadora, pois já financiou duas revistas e mostrou interesse em ser patrocinadora mais uma vez. É essencial, agora, que aqueles que apresentaram trabalhos os enviem para nós. Dos 27 trabalhos apresentados, só recebemos, até o momento, 19 artigos e aguardamos os demais com todo o interesse.

Sobre o local de realização do VII Congresso, temos uma informação que não é muito boa: o professor Francisco Portugal Guimarães, diretor do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia e professor da mesma Universidade, recebeu do departamento ao qual está vinculado a informação de que não terá condições de arcar com os trabalhos que serão necessários. Dessa maneira, teremos de decidir sobre o novo local para a realização do VII Congresso.

Alguns associados pediram para dividir a anuidade em duas parcelas, e foram atendidos pela diretoria do Ceib. Caso outros desejem fazer o mesmo, solicitamos que entrem em contato com o Ceib que será enviado novo boleto. Informamos que o aumento foi aprovado pela Assembléia dos Associados, diante dos esclarecimentos da diretoria sobre as despesas e dificuldades que estava tendo para pagá-las. As maiores são com correios (envio de revistas e boletins), escritório de contabilidade (a diretoria teve de contratar), estagiária, material de escritório e manutenção de equipamentos. Contamos com a compreensão de todos.

MARIA, UM REFERENCIAL FRANCISCANO

Magaly Oberlaender*

Foto Acervo Cepac



Figura 1 - Convento de Santo Antônio Vista aérea. À direita, a Ordem Terceira de São Francisco da Penitência

O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro (FIG. 1), ao longo de seus 402 anos de história, vem abrigando um rico acervo relativo a quase todas as espécies de bens móveis e elementos integrados e/ou artísticos relativos à arte sacra abrangendo ampla diversificação de materiais, técnicas e aspectos. Ali se encontra representado um grande elenco de valores históricos, artísticos e imateriais do patrimônio cultural brasileiro e, sobretudo, fortes referenciais da cultura franciscana.

INTERVENÇÕES NO CONVENTO

Infelizmente, na primeira década do século passado, ali ocorreram algumas intervenções espúrias, iguais ou mais desastrosas que aquelas produzidas pelo abandono ou pela ocupação dos militares em determinada época de sua história. Quaisquer compromissos com a história da arte e a história cultural, cujos valores impregnados no monumento conseguiram atravessar, até então incólumes, três séculos, foram descartados. Na igreja os

danos se fizeram sentir de forma mais intensa, resultando num prejuízo nítido na leitura iconográfica e iconológica do conjunto formado pelo arco-cruzeiro e capela-mor, quer seja na disposição, quer seja na interpretação de seus elementos. O arco-cruzeiro, até os idos de 1920, ostentava seus elementos decorativos concebidos e dimensionados dentro de uma feição barroca: talha robusta com preenchimento de todo o espaço e com dois arcanjos que, ao ladear o brasão da Ordem Franciscana centrado entre representações do Sagrado Coração de Maria e de Jesus, rompiam os limites impostos pelo emolduramento e, um forro do tipo gamela, próprio das primeiras construções brasileiras, dava continuidade ao conjunto. A intervenção arqueou o antigo forro e, conseqüentemente, as formas do arco-cruzeiro sofreram alterações e os elementos integrados ali dispostos foram reformulados para acompanhar as novas dimensões. As pinturas representando o Sagrado Coração de Maria e de Jesus, contemporâneas à talha mais antiga e com suas devoções vindas desde os primórdios

Foto Enzo Dornellas



Figura 2 - Imaculada Conceição.
Madeira policromada, séc. XVII.
Em fase de restauração

da Igreja e carregadas de simbologia para a cultura franciscana, conforme será visto adiante, foram substituídas por representações da vida de Santo Antônio, de autoria de Pedro Cechet. Além de a substituição dessas representatividades abandonar a proposta iconológica inicial, ocorreu uma repetição de temática, já que a vida de Santo Antônio estava corretamente localizada e reproduzida dentro da sua capela-mor, o local do orago.

Em 1953, foram iniciadas no Convento de Santo Antônio as obras dirigidas pelos arquitetos Lucio Costa e Orlando Reis, do Iphan, que, entre outras intervenções, substituíram as pinturas de Pedro Cechet por outras de autoria de Antônio Maria Nardi, semelhantes às antigas que representavam o Sagrado Coração de Maria e de Jesus.

Agora, o conjunto passa por uma restauração bem abrangente, através do Projeto Cultural Restauo e Revitalização do Complexo Arquitetônico do Convento de Santo Antônio – 400 Anos de História, que tem como um de seus segmentos a recuperação dos elementos integrados e/ou artísticos e dos bens móveis da igreja e do convento. A partir da constatação de que a excepcionalidade dos bens era devida aos valores franciscanos, que, direta ou indiretamente, aferiam-lhes importância, além de integrá-los complementá-los entre

si, a cultura franciscana se fez o fio condutor para a eleição dos critérios de restauro. Posto isso, para analisar suas variadas formas por meio da interpretação de suas imagens e símbolos, além da corrente historiográfica convencional, recorrer à História Cultural tornou-se um caminho presumível, objetivando a recuperação dos valores históricos, artísticos e documentais, processo este alinhavado pela preservação da cultura franciscana.

A técnica não é fator determinante da forma de nossas ações; poderá, sim, fornecer os meios pelos quais será transmitido o pensamento plástico do artista, que é a resultante da estrutura política, social e econômica vivenciada por ele. Esse tipo de sociedade, através da qual o artista recebe influência, localiza-se numa determinada faixa de tempo e espaço. Igualmente, a Ordem Franciscana também forma um grupo social que, ao se organizar, criou valores morais, materiais e símbolos próprios. Portanto, o resgate do patrimônio cultural pretendido no Convento de Santo Antônio não se cingirá apenas à materialização do pensamento de uma sociedade num momento preciso de sua evolução, refletirá, também, a cultura franciscana que, varando séculos, conseguiu chegar até nós, legando-nos valores incontestáveis e ainda vigentes. É pertinente citar Francastel que nos diz que a arte nos leva a saber mais sobre as variantes de pensar de uma sociedade que sobre os acontecimentos e a vida de um artista. A obra de arte não é jamais o substituto de outra coisa; ela é a coisa em si, simultaneamente significativa e significada¹.

A CONSTANTE SIMBÓLICA MARIANA NO CONVENTO

A linguagem alegórica, intensamente usada desde a Antiguidade, continua pela Idade Média e, em 1025, o Sínodo de Arras reconhece a importância de ensinar através da arte e decide: aquilo que as pessoas simples não conseguem compreender pela leitura das Escrituras, poderia ser aprendido por meio da contemplação das figuras².

A tipologia franciscana, cuja existência já é reconhecidamente aceita, obedece a algumas regras que sempre se fazem presentes em praticamente todas as construções da Ordem Franciscana, principalmente em relação às suas

Foto Enzo Dornellas



**Figura 3 - Detalhe da base da
Imaculada Conceição**

representatividades. Dentre elas, destaca-se com incontestável superioridade a Virgem Maria. O legado de amor à Virgem deixado por Francisco de Assis para seus seguidores tem sua origem não em estudos de cunho escolástico, mas, sim, vivenciando plenamente o seu tempo e o apaixonado entusiasmo que a Igreja mantinha em relação à Mãe de Jesus. Sua adoração era aquela procedente da humilde criatura em relação à majestade divina, própria da piedade dos primórdios da época medieval, associada a um profundo e terno agradecimento pela sua maternidade que faz chegar Deus até nós. Francisco elege Maria como mediadora, constituindo-a como advogada sua e da Ordem, sendo sua legítima representante diante do Senhor, defendendo-os em suas dificuldades e encaminhando suas rogativas. Essa grande devoção a Maria tornou-a a Mãe dos Menores, a quem a Ordem dos Frades Menores (OFM) é dedicada.

O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro pertence à Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. Em seus espaços acolhedores, Maria é sempre lembrada e homenageada, quer através de símbolos, quer através de suas titularidades representadas na igreja e nas capelas do claustro, apontando, dessa maneira, os valores mais caros formadores da cultura franciscana.

A IGREJA

A disposição das imagens nas igrejas obedeceu sempre a uma ordem hierárquica e, até o Renascimento, ocorreram algumas

Foto Enzo Dornellas



Figura 4 - Santa Maria dos Anjos situada no altar da nave. Madeira policromada, séc. XVIII

dificuldades quando da distribuição dessas imagens, segundo sua importância, em altares com formas e dimensões inadequadas para esse fim; a solução veio ao usarem o tamanho como recurso de diferenciação hierárquica. A partir dessa época, a predominância das linhas horizontais facilitou essa ordenação

No caso dos franciscanos, especificamente o Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, torna-se nítida uma inter-relação hierárquica e simbólica entre as imagens de seus típicos altares colaterais, o arco-cruzeiro e o orago. As imagens dos altares colaterais têm a função de receber os fiéis e os conduzir ao orago, Santo Antônio. E quem os acolhe do lado do Evangelho, o mais importante dos dois, é a Imaculada Conceição, que, além de padroeira da Ordem Geral dos Franciscanos, é consagrada pela Província. Já do lado da Epístola, Francisco fundadora Ordem.

Arrematando com o arco-cruzeiro cumprindo condignamente sua função de pórtico da capela-mor: nos arranques, as pinturas do Sagrado Coração de Maria e de Jesus, representando os santos sentimentos,

Foto:Enzo Dornellas



Figura 5 - Santa Maria dos Anjos. Detalhe das mãos e da policromia

a ardente caridade de Maria e Jesus para com todos os homens, traduzindo, enfim, o amor maior que é aquele vivenciado por meio do total des-prendimento – perfeita representação da espinha dorsal da Ordem Franciscana. Ao centro, o brasão dos franciscanos formado por um escudo ogival de ouro partido de vermelho, com as cinco chagas de Cristo de um lado e, de outro, a representação do Reino de Portugal encimado pelas armas do fundador da Ordem, os braços de São Francisco e de Cristo cruzados e uma coroa de espinhos, tendo como terminal uma cruz.

Com a nova proposta de intervenção em que o forro volta a ser trapezoidal, automaticamente, a cruz retorna à posição primitiva, voltando a se projetar para além da parede do arco-cruzeiro e avançando para o forro, num ordenamento que, simultaneamente, encerra simbolismo, estética barroca e funcionalidade. A cruz é o elemento significativo de ligação da Ordem Franciscana com o céu, do material com o espiritual, representados através do brasão e do forro, respectivamente. E, ao mesmo tempo, a isso deve ser somado, o rompimento dos limites impostos pela arquitetura, atendendo dessa feita à estética barroca vigente na época, permitindo, também, uma visão mais ampla aos fiéis a partir dessa inclinação.

CULTO À IMACULADA CONCEIÇÃO E A SANTA MARIA DOS ANJOS

A partir de 431, por meio do Concílio de Éfeso, o culto a Maria evoluiu rapidamente, a ponto de, no século VI, suas festas anuais já se encontrarem nomeadas, sem nenhuma ocorrência de modificações nos séculos vindouros. A Imaculada Conceição, uma das titularidades de Maria, tem sua origem no Oriente, desde o século VIII, com a Igreja bizantina celebrando Conceição de Santana, cuja festa foi introduzida na Inglaterra em meados do século XI, transformando-se, no século seguinte, em Conceição de Maria, quando inicia sua grande expansão². Intensas discussões são desenvolvidas pelos teólogos e, a partir do século XIII, Duns Scotus, um grande teólogo franciscano, encontra o silogismo que solucionava a dificuldade em admitir Nossa Senhora, como filha de Adão e Eva, estar sujeita ao pecado. A obstinada campanha dos franciscanos pela Imaculada Conceição prossegue, e eles adotam sua festa em 1263. Outro franciscano, o papa Sisto IV, inclui a comemoração à Imaculada Conceição na diocese de Roma, em 1477. Entretanto, somente em 1708 Clemente XI fará que se tome parte da liturgia romana e, por fim, sua oficialização dar-se-á em 1854, quando a Imaculada Conceição de

Foto Enzo Dornellas



Figura 6 - Santa Maria dos Anjos situada no claustro. Madeira policromada

Maria torna-se dogma. Esse longo caminho começou embrionariamente com Francisco de Assis e foi percorrido tenazmente por seus frades até sua finalização.

Com os franciscanos como propagadores dessa devoção, a introdução de seu culto se deu no Brasil ao desembarcarem os primeiros frades dessa Ordem com Cabral. E rapidamente é propagado, passando a ser protetora do Brasil já na época colonial e, posteriormente, padroeira do Império Brasileiro, como antes o fizera Portugal, cujo reino foi a ela dedicado em 1648.

Um dos altares colaterais, conforme mencionado anteriormente, é dedicado à Imaculada Conceição. Entretanto, sua imagem primitiva de madeira policromada, pertencente ao século XVII (FIG. 2 e 3), foi retirada do altar da nave e levada para a capela do claustro dedicada a Nossa Senhora da Consolação. Segundo fontes franciscanas³, a substituição deu-se no início do século passado, quando da grande restauração empreendida pelos frades alemães, por não a considerarem moderna. Devido ao surgimento de novas devoções, a troca de imagens nas igrejas antigas não era um fato inusual, principalmente no século XIX. No Convento de Santo Antônio

ocorreram várias trocas, levando-nos a tomá-las como um dos focos de nossas pesquisas. A atual imagem do altar da nave, em madeira policromada com rico estofamento (FIG. 4), não possui iconografia da Imaculada Conceição. Porém, algumas características nos levam a identificá-la como uma das representações de Santa Maria dos Anjos: mãos superpostas sobre o peito, mas ligeiramente afastadas como a segurar algo, neste caso, flores (FIG. 5), anjos na base e postura lembrando Nossa Senhora de Assunção. Além da iconografia, outro indicativo pode ser acrescido – esta é a devoção mais cara de Francisco de Assis, portanto, nada mais justo que estar no altar a seu lado. A igreja chamada Santa Maria dos Anjos da Porciúncula, em Assis, foi o local onde nasceu a Ordem Franciscana, tornando-se a morada habitual do Poverello e, mais tarde, seu leito de morte⁴. E, segundo seu biógrafo, Tomasso Di Celano: “o amou... mais que qualquer outro lugar e recomendou aos frades que o venerassem com particular devoção. Quis que fosse conservado como espelho de sua Ordem na humildade e na altíssima pobreza”⁵.

A existência de uma superposição de titularidade de Santa Maria dos Anjos com a Imaculada Conceição de Maria explica a colocação da primeira no altar da Imaculada, pois, dentro do característico pensamento de Francisco de Assis, ele já antecipava essa titularidade ao tratar a Virgem como “Esposa do Espírito Santo”, assunto que, posteriormente, seria discutido à exaustão. Posto isso, conclui-se que, devido a uma conceituação franciscana, todas as duas imagens podem integrar o altar da Imaculada Conceição.

O CULTO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS E DE MARIA

A devoção ao Coração de Maria teve seu começo ainda no início da Igreja, desenvolvendo-se na Idade Média e, posteriormente, ganhando grande destaque com as aparições em Fátima, em 1917. A Bíblia, por diversas vezes, já fazia menção ao Coração de Maria: Lc 2,19 – “Maria conservava todas estas palavras, meditando-as no seu coração” (sobre a adoração dos pastores que falavam da manifestação dos Anjos sobre o Menino); Lc 2,51 – “Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração” (depois do encontro

de Jesus no Templo, ensinando aos doutores da Lei). A devoção ao Coração de Maria é a devoção à própria Mãe de Jesus. É também veneração aos mais puros sentimentos e afetos, a ardente caridade de Maria para com Deus, para com seu Filho e para com todos os homens, que lhe foram confiados solenemente por Jesus agonizante, sendo chamado de humanismo devoto no século XIII, quando os autores sentiam-se unidos à alma de Maria. Durante toda a Idade Média, as principais escolas de Helfta, beneditina, franciscana e dominicana, produziram textos de incomparável valor ascético e místico. Em 1545, a decisão tridentina de incentivar sentimentos exacerbadores e dar muita ênfase à vida de Maria e de Jesus acaba por estimular a veneração aos Sagrados Corações. E, logo a seguir, São Francisco de Sales e São Pedro Canísio reforçam a devoção, ao reagirem à invasão protestante ocorrida a partir de Erasmo com textos repletos de piedade humanista. No século XVII, essas devoções ganham em São João Eudes seu grande apóstolo, que lhes afere uma conotação teológica, e surgem as primeiras aprovações pontifícias de confrarias consagradas ao culto do Coração de Maria. Normalmente, os dois corações eram representados em conjunto, pois sua devoção difundia que, sem a devida ternura para com o Coração de Maria, não se podia ter acesso ao Coração de Jesus. Em resumo, essas devoções, ao longo dos séculos, sempre significaram o amor e a caridade como a mistura do mérito e do princípio de toda santidade. Além de a devoção apresentar Maria como advogada e intercessora junto a Jesus, conforme o pensamento de Francisco de Assis, conceitualmente é a representação máxima dessa virtude teológica chamada caridade, bandeira da Ordem Franciscana, que, ao longo dos séculos, vem traçando toda sua atuação. Logo, o tema é pertinente à época da construção do convento e aos valores culturais do franciscanismo representados pela presença de Maria.

O CLAUSTRO

O ano de 1850 marca o início da desestabilização financeira para o convento, ao ser promulgada a lei proibindo os enterros nas igrejas e moradias. Consequentemente, o Convento de Santo Antônio e todos os outros ligados à cultura da morte sofreram grandes prejuízos financeiros, ao ser

Foto Enzo Dornellas



Figura 7 - Nossa Senhora das Angústias situada no claustro. Santo de vestir, séc. XIX

retirada essa boa fonte de renda. Soma-se a isso a proibição do imperador da admissão de novos noviços nos conventos, atendendo à política de esvaziamento pombalina dirigida às ordens regulares. A partir de então, o Convento de Santo Antônio inicia um período de grandes dificuldades, culminando em 1885 com a utilização de seus espaços para o quartelamento do Sétimo Batalhão de Intendência⁶. O claustro, especificamente, sofre duas grandes perdas: a destruição da Capela do *Ecce Homo*, que foi levada para a segunda sacristia, e a redução à metade da Capela Jesus, Maria e José, também conhecida como Sagrada Família, totalmente destruída pela soldadesca. Entretanto, até 1862, ainda existiam dez capelas no claustro, como nos relata Joaquim Manoel de Macedo, em seu livro *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro*⁷. Constavam: Nossa Senhora dos

Prazeres, Porciúncula, Dores de Nossa Senhora, Senhor da Cana Verde (*Ecce Homo*), Sacra Família, Senhor do Bonfim, Nascimento de São Francisco, Morte de São Francisco, São Joaquim e Santana. Curioso o escritor citar a primeira capela como a dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres, apesar de termos sempre como referência esta pertencer a Nossa Senhora da Consolação. Entretanto, Nossa Senhora dos Prazeres é uma devoção tipicamente franciscana, introduzida por frei Palácios em 1558, com o nome de Nossa Senhora das Alegrias, e encontrada em quase todo o Brasil. Existe uma ligeira semelhança na iconografia das duas imagens, pois ambas apresentam-se sentadas e com o Menino Jesus: a Nossa Senhora das Alegrias com o Menino sentado sobre seu braço esquerdo e a Nossa Senhora da Consolação sustentando-o, em pé, sobre seu joelho. Esta última representação é própria dos agostinianos, pois, algumas vezes, aparece o Menino Jesus segurando e entregando o cinto de Maria a Santo Agostinho e Santa Mônica. Pelo exposto, tudo leva a crer ser mais provável a existência da Capela de Nossa Senhora das Alegrias, não só por ser uma das devoções franciscanas, mas, também, pelo seu posicionamento, logo à entrada do claustro, saudando quem ali chegasse, personificando um cumprimento bastante usual dos franciscanos - Alegria! Alegria! -, um dos ensinamentos de Francisco de Assis. Atualmente, a Capela chamada de Nossa Senhora da Consolação está localizada no espaço anteriormente dedicado à Capela do *Ecce Homo*, e abriga a imagem da Imaculada Conceição, removida do altar da nave, conforme foi visto anteriormente.

Hoje, a primeira capela do claustro é a de Santa Maria dos Anjos da Porciúncula⁸, conhecida como Capela da Porciúncula, que tem imagem com outra representação iconográfica dessa devoção (FIG. 6); desta vez tem ao seu lado Jesus, estando os dois sentados e rodeados por anjos. Esse conjunto escultórico é uma típica representação de quando Francisco de Assis recebeu a indulgência do Dia do Perdão, semelhante à existente no frontispício da Igreja da Porciúncula, em Assis. A segunda capela é dedicada a Nossa Senhora das Dores; é uma imagem de vestir (FIG. 7) que, na verdade, tem a iconografia de Nossa Senhora das Angústias, já que porta

somente um punhal de prata e cumpre a profecia de Simeão dirigida a Maria: “E uma espada transpassará a tua alma” (Lc 2,35). A terceira capela é a dedicada a Nossa Senhora da Consolação, antiga *Ecce Homo*, já comentada anteriormente. Na seguinte, só resta o espaço do que foi a antiga Capela da Sagrada Família; a possibilidade de retornar para esse local no claustro o *Ecce Homo* está sendo estudada, já que essa foi uma das primeiras imagens do convento e, atualmente, está muito mal localizada – assim poderia ser novamente restabelecida a Capela do *Ecce Homo*. Em seguida, há o nicho de Jesus Crucificado, outra devoção típica franciscana e, seguindo, um conjunto escultórico da morte e outro do nascimento de Francisco de Assis. E, para finalizar esse correr de capelas, a de São Joaquim, com uma imagem em terracota policromada, representando-o já ancião, segurando Maria, ainda menina, no colo.

No claustro, os frades alemães intervieram, principalmente, na pintura. E, ao se realizar as prospecções no claustro, constatamos que seus resultados tiveram a predominância da cor azul⁹. Aparecendo às vezes de forma sutil e outras de forma clara, repete-se, sistematicamente, no marmorizado, na pintura lisa e nas molduras dos arcos. Daí a concluir-se que o azul fora definido como cor predominante, quando da feitura do claustro, devido ao culto dos franciscanos à Virgem.

Maria, considerada a Mãe dos Menores, pontua cada espaço do claustro, através da representatividade da cor ali predominante e dos oragos de cada capela.

A arte religiosa era executada para atender às metas a serem alcançadas pela Igreja sob o controle dos teólogos, sendo os artistas instruídos pelos seus conselheiros espirituais, inclusive no uso das cores a serem adotadas. E daí, por sua grande capacidade de comunicação nas diferentes camadas sociais, foi utilizada como mensageira de seus interesses, com a colocação estratégica das imagens e simbologias.

Embora o anonimato seja constante nas obras dos franciscanos, sua indiscutível presença encontra-se sempre marcada pelo emprego de símbolos, inerentes ao seu misticismo, evidenciados em todos os lugares por onde passaram. Maria, certamente, tem sido seu maior referencial, de acordo com

a vontade de seu fundador, que queria a proteção da Mãe de Deus para o crescimento e desenvolvimento da Ordem Franciscana.

NOTAS

¹ Pierre Francastel. *A realidade figurativa*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 5.

² A.G. Martimort. *A igreja em oração*. Petrópolis: Vozes, 1988, Vol. 4, p. 127-132.

³ Frei Basílio Röwer. *O Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro*. Petrópolis: Vozes, 1937, p. 337.

⁴ A origem da pequena igreja é desconhecida, porém uma tradição oral conta que foi construída por peregrinos originários da Terra Santa e nela guardavam uma relíquia do túmulo de Nossa Senhora. E, ao rezarem, ouviam coro de anjos, daí a procedência do nome.

⁵ In: *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 412.

⁶ Era comum o governo se utilizar dos espaços nos conventos decadentes para instalação de hospitais e quartéis.

⁷ Cf. Joaquim Manoel de Macedo, *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, Convento de Santo Antonio. Rio de Janeiro: Garnier, 1991, p. 159-226.

⁸ Nessa capela estão abrigados os restos mortais de frei Fabiano de Cristo.

⁹ O azul claro exprime a cor da pureza da Virgem Maria e a promessa de uma eternidade tranquila quando nos colocamos sob sua proteção.

BIBLIOGRAFIA

CAROLI, Ernesto org. *Dicionário franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1993.

COYLE, Kathleen. *Maria na tradição cristã*. São Paulo: Paulus, 2000.

FIORES, Stefano; MEO, Salvatore. *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995.

GIEBEN, Servus. *Lo stemma francescano*. Roma: Istituto Storico dei Cappuccini, 2009.

MARTIMORT, A.G. . *A Igreja em oração*. Petrópolis: Vozes, 1991.

OBERLAENDER, Magaly. Os altares do Convento de Nossa Senhora dos Anjos – Cabo Frio. *Revista Grande Sinal*. Petrópolis, Instituto Teológico Franciscano, 2010.

PAVONE, Mario Alberto. *Iconologia francescana*. Perugia: EDIART, 1988.

* Magaly Oberlaender é museóloga com especialização em Restauração e mestrado em História e Crítica da Arte. Trabalhou no Iphan durante 27 anos. Atualmente é Consultora e Coordenadora de Restauração dos Bens Móveis e Elementos Integrados do Projeto de Restauro e Revitalização do Complexo Arquitetônico do Convento de Santo Antonio – 400 Anos de Histórias.

E-mail: magalyoberlaender@uol.com.br

CEIB

Presidente de Honra:
Myriam A. Ribeiro de Oliveira

Presidente:
Beatriz Coelho

Vice-Presidente:
Maria Regina Emery Quites

1ª Secretária:
Ieda Faria Hadad Viana

2ª Secretária:
Carolina Maria Proença Nardi (interina)

1º Tesoureira:
Elayne Granado Lara

2ª Tesoureira:
Alessandra Rosado
Estagiária
Daniela Cristina Ayala

ENDEREÇO

Escola de Belas Artes da UFMG
Bloco D, 2º andar
Av. Antônio Carlos, 6.627
31.270-010 Belo Horizonte, MG
ceib@ceib.org.br
www.ceib.org.br

BOLETIM

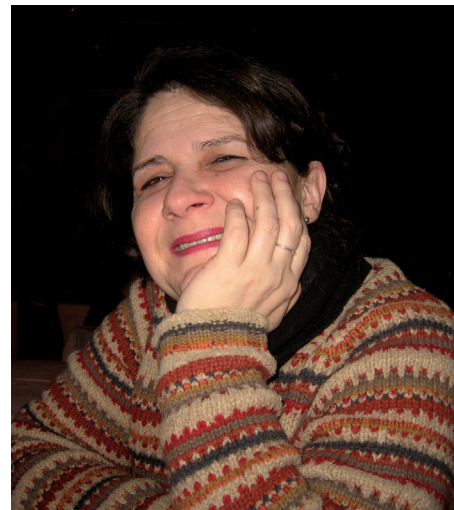
ISSN: 1806-2237

Projeto gráfico, arte e editoração
Helena David, Beatriz Coelho
e supervisão de Dione Dutra
Revisão: Alexandre Habib
Tiragem 500 exemplares
Periodicidade: quadrimestral

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião do BOLETIM DO CEIB.

É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.

Foto: Beatriz Coelho



Helena David de Oliveira Castello Branco (20/05/1955-08/05/2010)

Conhecida entre os amigos por Leninha, nasceu em Pará de Minas e faleceu em Belo Horizonte, no dia 08 de maio passado. Formada em Desenho Industrial pela antiga FUMA, hoje Universidade do Estado de Minas Gerais, era especialista em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pelo Centro de Conservação e Restauração (Cecor) da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em Artes Visuais, com concentração em Conservação pela mesma Escola e Doutora pela Universidade Politécnica de Valência, na Espanha. Era também espeleóloga, pertencendo ao grupo Bambui de Pesquisas Espeleológicas. Sua dissertação de mestrado e a tese de doutorado foram sobre conservação de pinturas rupestres.

Fez parte da diretoria do Ceib em 1998-2004, sendo, desde 2008, sua segunda secretária. Fazia as diagramações do **Boletim do Ceib** desde 1998 e da revista **Imagem Brasileira**, mesmo quando estava no exterior.

Trabalhou, por vários anos, no Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha) e, recentemente, tornou-se professora do bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais da Escola de Belas Artes da UFMG.

Era pessoa extremamente competente, inteligente, atuante. Especialmente, empenhava-se em fazer tudo, sempre, o melhor possível. Com a morte de Leninha, o Ceib perdeu uma grande amiga e incansável colaboradora.